

# Juventude e adolescência: considerações preliminares

Jacqueline de Oliveira Moreira  
Ângela Buciano do Rosário  
Alessandro Pereira dos Santos

*Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Belo Horizonte, MG, Brasil*

---

## RESUMO

Este artigo busca trabalhar o conceito de juventude no campo da psicologia. A partir do conceito de adolescência, são realizadas aproximações e distanciamentos acerca do tema. As ciências sociais e a filosofia são convocadas nesta discussão que localiza o jovem nas sociedades, moderna e a pós-moderna. A juventude, como paradigma cultural na contemporaneidade, será abordada neste artigo, que propõe uma reflexão acerca dos processos de subjetivação e as contradições que implicam a saída da juventude e a inserção no mundo adulto na pós-modernidade.

**Palavras-chave:** juventude; adolescência; sociedade; pós-modernidade.

## ABSTRACT

*Youth and adolescence: preliminary considerations*

This article intends to address the concept of youth in the field of Psychology. From the concept of adolescence, similarities and differences are carried out on the subject. The Social Sciences and Philosophy are called together in this discussion that situates the young in our societies, modern and post-modern. The youth, as a cultural paradigm in the contemporaneity, will be addressed in this article, which proposes a reflection on the processes of subjectivity and the contradictions that involve the departure of youth entering the adult world and in post-modernity.

**Keywords:** youth; teens; society; post-modernity.

## RESUMEN

*Jóvenes y adolescentes: consideraciones preliminares*

Este artículo trata de abordar el concepto de juventud en el campo de la psicología. Desde el concepto de la adolescencia, se llevan a cabo similitudes y diferencias sobre el tema. Las ciencias sociales y filosofía se reunieron en esta discusión donde encuentra los jóvenes en sociedades moderna y posmoderna. La juventud, como un paradigma cultural contemporáneo, en este artículo se abordará, como una reflexión sobre los procesos de subjetivación y contradicciones que implican la salida de la juventud y la integración en el mundo de los adultos en la posmodernidad.

**Palabras clave:** juventud; adolescencia; sociedad; posmodernidad.

---

## INTRODUÇÃO

A criação, no final da década de 90, das primeiras políticas públicas voltadas para os jovens, colocou a necessidade de se entender as especificidades deste público, o acesso a direitos, o papel das políticas públicas, entre outros aspectos. Diante desse cenário, o Congresso Nacional vem debatendo, nos últimos anos, o Estatuto da Juventude, na tentativa de criar pontos de convergências e estabelecer um marco regulatório sobre a juventude no Brasil.

Em 2005, foi aprovada, no Congresso Nacional, a Lei 11.129/2005 que criou a Política Nacional da Juventude, tendo como desdobramentos a criação da Secretaria Nacional da Juventude e o Conselho Nacional da Juventude, órgãos com a função de propor, implementar e fiscalizar as políticas públicas e zelar pelos direitos da juventude. Esse processo fez com que o governo federal, a partir de um decreto presidencial, desencadeasse um processo que atingiu os municípios, os Estados e a união para a realização, em 2008, em Brasília, da histórica 1ª Conferência

Nacional da Juventude. Nessa conferência, foram realizadas várias pesquisas na tentativa de captar o perfil e a percepção dos participantes sobre a juventude. Essas pesquisas foram realizadas com 1.854 jovens, posteriormente sistematizadas, tendo como resultado o livro intitulado: *Quebrando mitos: juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional da Juventude*, de Castro e Abramovay (2009).

Quando interrogados sobre o que é ser jovem hoje, de acordo com Castro e Abramovay (2009), os jovens:

Tendem a ressaltar as alternativas que representam os valores da juventude. Nesse sentido, os itens relativos à linguagem e à música (37,7%), seguido do jeito de vestir e aparência (34,7%) e de ser questionador/transgressor/ousado (30,5%) [...] ser criativo e empreendedor (27,1%), à consciência e responsabilidade (25,4%), a buscar adrenalina e correr riscos (23,7%), à insegurança pessoal e social (22,3%), à falta de perspectiva (20,4%) [...] ser instável emocionalmente (8,3%) e ser egoísta (6,0%) (Castro, Abramovay, 2009, p. 217).

Quando analisamos esses dados, constatamos que ser jovem, de acordo com a visão dos jovens, tem relação com a linguagem, aparência, modo de questionar, criatividade, consciência, correr risco e não ter perspectivas. Nesse sentido, Dayrell (2002) afirma que não podemos definir um único conceito de juventude, mas, sim, juventudes. O autor afirma que aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais fazem com que tenhamos, em cada localidade, um tipo de juventude. Ou seja, ser jovem hoje tem relação com vários fatores, multicausais e fragmentados como o tempo em que vivemos.

Assim, parece-nos urgente o trabalho cauteloso com as palavras, entender os seus significados, suas silhuetas. É com esse espírito que pretendemos trabalhar com o conceito de juventude. Sabemos que essa ideia é amplamente utilizada pelos sociólogos, educadores e psicólogos, ou seja, é conceito de uso corrente no campo das ciências humanas. Mas, encontramos uma limitação bibliográfica no que se refere às reflexões psicológicas sobre o conceito de juventude. A psicologia tem uma rica tradição com o conceito de adolescência. Dessa forma, parece-nos pertinente apontar alguns elementos definidores da adolescência para pensar os pontos de aproximação e distanciamento da ideia de juventude.

## ADOLESCÊNCIA: MOVIMENTAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS

A psicologia, tradicionalmente, trabalha com o conceito de adolescência que se difere da ideia de juventude, pois este último é mais amplo e possui um maior atravessamento de temas sociais, culturais, políticos, econômicos, territoriais, dentre outros. Existem diversas concepções de adolescência na psicologia. Trabalhamos com uma perspectiva de adolescência que considera que as transformações corporais advindas com a puberdade, juntamente com as significações sociais que tais mudanças comportam, incidem em um determinado modo de ser sujeito.

As transformações do corpo ocorridas na puberdade impõem ao sujeito a construção de uma nova imagem corporal. Essas modificações solicitam um trabalho psíquico de significação dessa inusitada condição. Trata-se da adolescência, que, diferente da puberdade, é fenômeno cultural e consiste no processo no qual se adquirem as características psicológicas e sociais da condição adulta. A adolescência é marcada, principalmente, por mudanças externas advindas da puberdade e ocasionam implicações internas.

Apesar de considerarmos a contribuição da incidência social para a constituição subjetiva do adolescente, divergimos das correntes que consideram que a adolescência seja exclusivamente uma invenção social, que concebem a adolescência como período de latência social, construído a partir da sociedade capitalista com o propósito de manter certo distanciamento dos jovens do mercado de trabalho. Tal distanciamento justificar-se-ia por questões relativas à necessidade de um preparo técnico e de extensão do período escolar (Ozella, 2002).

Pensar a adolescência *construída* para determinados fins de uma sociedade capitalista é desconsiderar o trabalho psíquico necessário para o sujeito se inserir no mundo adulto.

Acreditamos que a adolescência não seja somente reflexo social, espelho da sociedade, mas que ela exista, influa e sofra influência do meio. Ao concebermos sua existência e seus reflexos no âmbito social, estamos balizados pela concepção psicanalítica de constituição subjetiva.

A criança, de algum modo, idealiza seus pais, mas, à medida que cresce, percebe, aos poucos, suas falhas, e inicia uma preparação para o processo de separação. No entanto, para que esse processo ocorra, é necessário que a incorporação dos pais, durante a infância tenha obtido êxito. Segundo Alberti (2004), esse é o parâmetro para o final da infância.

A incorporação é o protótipo corporal do mecanismo de identificação. Segundo Freud ([1905]1996), a modalidade incorporativa é a estrutura básica do primeiro ano de vida. Trata-se da “*incorporação* do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da *identificação*, um papel psíquico tão importante.” (p. 187).

A respeito da incorporação, Alberti (2004) nos lembra que, quanto mais sólida ela for, maior a herança dos pais “que servirá como recurso para o sujeito adolescente agir conforme suas próprias decisões” (p. 14).

Isso porque, na adolescência, o sujeito não é mais tão dependente dos pais de sua infância. O adolescente torna-se questionador devido ao afrouxamento desses modelos identificatórios. Isso quer dizer que, ao crescer, a criança começa a enxergar a insuficiência dos pais, e a identificação cega com os progenitores começa a vacilar. Isso é imperativo para a emancipação do sujeito. Será em virtude dessa constatação que o adolescente terá a possibilidade de separar-se dos pais da infância e encontrar seu próprio jeito de ser.

O aumento da libido, meramente quantitativa, passa para uma qualidade nova. Para Bloss (1985), a reorganização da vida emocional ocorre na adolescência inicial e na adolescência propriamente dita, em um processo emocionalmente caótico. Trata-se de uma decaixia dos objetos amorosos infantis (incestuosos) e a busca de novos objetos. Ou seja, em consequência da luta contra a barreira do incesto, o adolescente afrouxa os laços familiares e inicia a busca por novo objeto sexual; a libido volta-se para a genitalidade, e os objetos libidinais passam do objeto edípico para os objetos não incestuosos.

Feliciotti (2005) refere que a adolescência consiste no processo de reorganização do mundo pulsional (afeto, desejo, gozo, identificação) e tal processo se encerra somente quando o indivíduo entra na dialética social. Esse autor refere, ainda, que o adolescente possui duplo desafio: a substituição gradual do corpo infantil, com o qual era identificado, para um corpo sexuado, e a aquisição da sexualidade genital, que leva o adolescente a distanciar-se dos objetos edípicos.

A escolha objetal, nesse período inicial da adolescência, segue um modelo narcisista. Isso porque a retirada da catexia dos pais resulta em desvio de energia para o eu. Essa mudança leva a uma escolha objetal narcísica baseada no ideal de ego.

De modo geral, querendo o adolescente ou não, a escolha fundamental da adolescência é a separação. O adolescente sai da cena familiar e caminha para a cena social. O corpo, nesse sentido, também é um objeto social, pois coloca o sujeito nas relações por intermédio

do olhar, do julgamento e do desejo do outro (Feliciotti, 2005).

A partir da concepção psicanalítica de adolescência, podemos compreender a crise pela qual atravessa o sujeito: a passagem de uma condição de possuidor de corpo infantil, preso inicialmente na problemática de ser o falo da mãe para o estatuto de corpo sexuado; a elevação da libido concorrendo com a escolha de um novo objeto sexual, não incestuoso; e o conseqüente afrouxamento da identificação com os pais. Todos esses fatores são eventos críticos na constituição subjetiva do adolescente.

Assim, a adolescência se refere ao encontro de situações sociais com a transformação da energia psíquica que demanda do sujeito posicionamento frente aos diferentes conflitos. Mas, conceito de adolescência se iguala a ideia de juventude? Como definir juventude? E quais seriam os pontos balizares no campo da psicologia que permitiram o bordejamento da ideia de juventude?

## CONSTRUINDO O CONCEITO DE JUVENTUDE

A delimitação conceitual de uma noção é decisiva nos diferentes processos de pesquisa. Acreditamos que o primeiro movimento que pode nos fornecer pistas para a construção do conceito de juventude é a história da aparição dessa palavra.

Concordamos com León (2005) que a categoria juventude foi concebida como uma construção social, histórica, política, econômica, territorial, cultural e relacional e, assim, suas definições dependem de movimentações históricas. Não podemos localizar a primeira vez que o termo juventude foi utilizado, mas devemos mencionar que os primeiros manuscritos de autores como Hegel e Marx são denominados por seus comentadores como escritos de juventude. Nesse caso, juventude se refere a um momento que se contrapõe aos escritos maduros. A ideia de juventude aparece vinculada a um processo temporal que revela movimentos humanos em direção a um ideal de realização, no caso a maturidade intelectual.

Não escolhemos, por acaso, o nome de dois filósofos alemães, pois outro emprego da palavra juventude se refere à juventude hitlerista, ou seja, à força jovem que defendia e sustentava o discurso de Hitler. Em seu brilhante estudo histórico sobre a criação da juventude, Savage (2009) apresenta a juventude hitlerista como um dos momentos no processo de criação da juventude no século XX. Esse autor busca, em sua pesquisa, diferentes fontes como notícias, autobiografias, folhetos que demarquem o processo de criação dessa ideia de

juventude. Na apresentação da juventude hitlerista, o autor toma de empréstimo a autobiografia de Melita Maschman, que descreve sua experiência aos 15 anos, em 1933, de ver o desfile que marcou a indicação de Adolf Hitler para chanceler do Reich. A escritora revela a falta de orientação e o vazio da vida de um jovem e, assim, como este se torna vulnerável para um convite que parece oferecer um sentido. Dessa forma, o folheto emitido pela divisão Kiel da Juventude Hitlerista em 1932 é muito apelativo: “Com nossos estandartes hasteados, venha a nós Juventude do Operariado Alemão, lutem conosco contra o velho sistema, contra a antiga ordem, contra a velha geração” (citado por Savage, 2009, p. 277). Dadoun (1998) fortalece esse argumento que vincula juventude com uma energia bruta que pode ser instrumentalizada e utilizada com objetivos de sustentar um discurso e prática autoritária. Segundo o autor: “Todo sistema social tende a desviar para seu proveito a violência adolescente, pudicamente chamada ‘energia juvenil’ – o hino fascista começa por ‘Giovinezza, giovinezza...’ (Dadoun, 1998, p. 56).

Todavia, não podemos negar que a formalização da noção de juventude como uma nova ordem social acontece a partir de 1950. Kehl (2004) busca em Nelson Rodrigues uma paisagem literária que descreve os homens e mulheres de 25 anos na década de 1920. Nessa paisagem, temos jovens velhos, pois os homens precisam mostrar uma maturidade digna aos 25 anos: bigode, roupa escura e guarda-chuva. As mulheres devem estar de vestidos escuros, sem decotes, com o cabelo preso na forma de coque e de mãos dadas com os filhos. O moço não tinha função, não goza de respeito; era, por assim dizer, invisível. No mundo contemporâneo, vivemos uma total inversão histórica, pois é vital ser e parecer jovem.

Segundo Kehl (2004), a “cultura jovem” se inicia nos anos de 1950, principalmente, nos Estados Unidos da América, a grande nação que venceu a guerra, o país dos sonhos e da prosperidade. Os jovens gozam de condições privilegiadas de consumo e experiências; não é mais necessário se casar e ser velho para ter visibilidade. O jovem é o mais visível dos seres porque é o símbolo da nova era que aposta na intensidade das vivências atuais. O sonho moderno de a razão possibilitar o progresso e a felicidade como “Bem coletivo” foi destruído pelas duas grandes guerras mundiais, pois a era da razão produziu a mais ampla e eficiente destruição.

A geração pós-guerra não compactua mais do ideal racional moderno, por isso, para autores como Kumar (1997), Harvey (1992) revela que estamos em uma época pós-moderna. Não podemos deixar de mencionar que a crise no ideal moderno produz um

efeito na forma como o sujeito atual experimenta o tempo. Acreditamos que encontramos, dentro da pós-modernidade, uma maneira singular de relacionar com a dimensão do tempo que se difere das formas modernas e pré-modernas.

A passagem do mundo clássico para o moderno é marcada pela ruptura com as tradições. Segundo Renaut, o traço mais específico das sociedades modernas é a contínua dissolução das referências oriundas do passado (Renaut, 1998, p. 31). O homem, na pré-modernidade, busca no passado referências normativas para seu presente. O homem moderno opera uma ruptura com a tradição, os valores do passado parecem estar singularmente enfraquecidos em benefício da celebração do presente e do novo (Renaut, 1998, p. 36). Segundo Drawin (2003), o homem moderno aposta no futuro e busca neste as referências normativas de sua vida. Podemos pensar que essa ação é uma consequência das promessas da ciência moderna. Assim, o homem pré-moderno e o moderno se situam na trama temporal da história, na certeza do movimento limitador do tempo. A pós-modernidade é caracterizada pela ruptura, pelo desrespeito com o vínculo temporal com o passado e/ou o futuro.

Koltai (2002), ao abordar o tema da pós-modernidade e sua incidência sobre a subjetividade, refere que, na atualidade, a relação tempo espaço mudou:

O tempo, antes histórico, se torna, agora, operatório, como o tempo da técnica, que só conhece futuro. Um futuro que, no entanto, deixou de ser a atualização progressiva, difícil e arriscada de um potencial inscrito no passado e de um presente que decorre deste passado. Na sucessão – passado, presente, futuro – no lugar de um futuro esperado ou ao qual somos obrigados a nos submeter, tem-se um futuro produto (Koltai, 2002, p. 38).

Com essa mudança temporal, o sujeito se instala em um mundo onde há a promessa de um acesso direto e imediato ao objeto. Os processos lentos, como o luto, tornam-se intoleráveis.

Vive-se o imediatismo do agora, não há história, pois não importa o passado ou o futuro. O presente adquire uma dimensão tirânica e perversa. O futuro deixou de ser uma aposta, o passado não é respeitado como referencial, só resta a vacuidade do presente.

Em uma sociedade tecnocientífica, em que os poderes da ciência nos fazem crer no impossível, é preciso adquirir incessantemente novas informações (Koltai, 2002). O presente se torna a totalidade, a satisfação deve ser imediata e a preservação do passado está ameaçada.

Pensamos que pode haver uma articulação entre a valorização do tempo do presente na atualidade com o domínio do desejo de manutenção da juventude. A

juventude é exatamente o momento do presente, pois se rompe com o passado, representado pela família, e se lança em uma ilusão de imortalidade e onipotência que não percebe o futuro como um limite. O jovem vive intensamente o hoje. O refrão da letra de Renato Russo (1989) ilustra a experiência jovem: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse o amanhã, porque se você pensar, na verdade não há”. Assim, os movimentos históricos que determinam a relação do homem com o tempo criam formas de valorização de momentos do desenvolvimento humano.

As sociedades pré-modernas ou tradicionais (Dumont, 1985; Giddens, 1997) não apresentavam um preconceito cultural em relação ao idoso. Nessas sociedades, o ancião ocupava um lugar de destaque e respeito social, já que era o guardião da sabedoria e o responsável por transmiti-la aos mais jovens (Mascaro, 2004). As sociedades modernas pensam a velhice como um momento de declínio; a juventude como um espaço em que predomina a imaturidade. Assim, a vida adulta é celebrada como o momento de plenitude, pois representa a maioridade da razão.

As duas grandes guerras mundiais produzem uma descrença na maturidade racional e uma crise em relação ao futuro; assim, resta aproveitar o máximo de prazeres que a vida oferece, e o melhor momento é a juventude, com todo seu vigor.

Parece-nos importante enfatizar que a inscrição da juventude atual na vida possui dois traços definidores: a liberdade de ação e o hedonismo. A consciência da autonomia subjetiva, da liberdade individual e o senso de privacidade talvez sejam algumas das maiores inovações da sociedade moderna em relação à era clássica. As sociedades clássicas possuíam uma forma holista e hierárquica de organização, na qual a identidade do indivíduo era vivida na e para a vinculação social. As sociedades modernas baseiam-se no individualismo; o sujeito sente-se livre e autônomo, mas perde a forma simbólica de proteção contra o desamparo oferecida pela Sociedade Holista (Dumont, 1985). O sujeito moderno está sozinho, entregue à sua própria sorte. A forma simbólica moderna de proteção contra a situação de desamparo, reatualizado com a descoberta do espaço infinito, é a racionalidade. Essa perspectiva é inaugurada com a frase cartesiana: “Penso, logo existo”.

Nesse ponto, não podemos deixar de comparar a vivência da juventude em uma sociedade holista em relação a uma individualista. A organização social holista estabelece ritos de passagem que oferecem uma identidade para o jovem. Na modernidade, esses rituais perdem a densidade simbólica e, assim, o sujeito moderno depende de seus movimentos próprios para

produzir os contornos de sua identidade. Talvez, aos jovens da atualidade caiba a frase: “Sinto, logo existo”. Será preciso construir uma identidade e garantir a sensação de vida por meio das experimentações sensoriais. Na intensa experimentação, o sujeito sente o pulsar de seu corpo confirmando, pois, a sua vida e sua existência. Se tudo é relativo e provisório, devo viver intensamente o meu agora, sem preocupar-me com o outro e o futuro, ser eternamente jovem.

Todavia, é importante ressaltar que, anterior a esse movimento de intensificação da experimentação sensorial que caracteriza o jovem dos anos 1980, 1990 e 2000, encontraremos uma juventude que faz de sua energia uma força de revolução e/ou rebeldia. Segundo Canesin, Chaves e Queiroz (2002), “no Brasil, a juventude ganha visibilidade na década de 1960, pelo engajamento político de jovens da classe média, do ensino secundário e universitário, na oposição ao regime autoritário” (Canesin, Chaves e Queiroz, 2002, p. 4). Mas, os autores concordam que “nos anos 80, a imagem de uma geração idealista criada pelos jovens dos anos 60 transformou-se” em uma juventude “individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos, apática” (Canesin, Chaves e Queiroz, 2002, p. 5).

Defendemos a ideia de que a categoria de juventude passa a ser valorizada no pós-guerra como consequência da queda do projeto moderno que apostava no futuro e vinculando razão, felicidade e progresso e, ainda, por uma exigência da cultura consumista de produzir o consumidor ideal para sua manutenção permanente. Mas, acreditamos que uma das características mais importantes da juventude é o sentimento de inadequação, o sentimento de que o seu tempo não o compreende e que precisa ser modificado. Este sentimento foi o motor para os movimentos políticos da década de 1960 e 1970, e, também, para os movimentos culturais de rebeldia e inovação. Mas, parece que no anos de 1980 o sentimento de inadequação será acalmado com as ofertas de produtos para o consumo e a exacerbação dos prazeres. Toda a força de transformação é capturada pelo consumo que possibilita a vivência de intensos, rápidos e viciantes prazeres.

Podemos afirmar que, até o momento, caracterizamos juventude a partir das ideias de força, sentimento de inadequação, rebeldia, ruptura, hedonismo. Os pesquisadores do conceito, como León (2005), Spolito (1997) e Abramo (2005), anunciam que a juventude é concebida como uma categoria etária, que se localiza dos 15 aos 24 anos. No Brasil, existe uma tendência a antecipar o início da vida juvenil para antes dos 15 anos devido ao prematuro ingresso ao mundo do trabalho, como etapa de amadurecimento (áreas sexual, afetiva,

social, intelectual e físico/motora), que determina um período de transição e, ainda, como subcultura. Segundo Sposito (1997), a ideia de pensar a juventude como transição é consensual. De acordo com a autora:

Embora ocorra um reconhecimento tácito na maior parte das análises em torno da condição de transitoriedade como elemento importante para a definição do jovem – transição da heteronomia da criança para a autonomia do adulto – o modo como se dá essa passagem, sua duração e características têm variado nos processos concretos e nas formas de abordagem dos estudos que tradicionalmente se dedicam ao tema (Sposito, 1997, p. 38).

Pensamos que a ideia de transição contida no conceito de juventude na atualidade é paradoxal, pois a sociedade faz um convite à juventude eterna. O ponto mais importante é o convite ao individualismo, a não pré-ocupação com o outro.

Calligaris (2000) afirma que “idealizar os prazeres da adolescência é uma maneira de querer menos consolo com perspectivas futuras e mais satisfação imediata” (Calligaris, 2000, p. 70). Segundo esse autor, em uma cultura que idealiza a autonomia, a liberdade da adolescência encarna o maior sonho dessa cultura. Na condição de não mais criança, esse sujeito pode desfrutar dos prazeres reservados aos adultos sem as dificuldades e as responsabilidades da vida adulta. Segundo o autor, no ideário ocidental, “eles são adultos em férias, sem lei” (Calligaris, 2000, p. 69). Por que se tornar adulto quando os adultos têm como ideal ser jovens?

Para Galland (1991), a entrada na vida adulta significa ultrapassar três etapas importantes, delimitadas pela partida da família de origem, pela entrada na vida profissional e pela formação de um casal. Segundo Freitas (2005), na sociologia clássica, a inserção no mundo adulto abarca cinco dimensões: terminar os estudos; viver do próprio trabalho; sair da casa dos pais e estabelecer-se numa moradia pela qual se torna responsável ou corresponsável; casar; ter filhos. Essa ideia encontra apoio na teoria psicológica de Erikson ([1950]1998), que afirma ser o último conflito da juventude a polarização entre a coragem de entrar em uma relação íntima e o movimento do isolamento. Após esse conflito de juventude, o adulto deve se posicionar entre os pólos estagnação ou generatividade. O ponto mais importante não é ter filhos, mas se responsabilizar pelo outro, pois é possível ter filhos e não se responsabilizar, como é possível não ter filhos biológicos e se responsabilizar pelo destino da humanidade.

Assim, quando anunciamos o caráter paradoxal da ideia de transição é porque, no mundo pós-moderno,

existe um convite à juventude eterna e, assim, é possível se fixar em determinados elementos da vida jovem: ficar com a autonomia sem precisar oferecer respostas ao outro e ao mundo, ou seja, sem responsabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo nesse texto foi pensar nas contradições presentes na reflexão acerca do conceito de juventude assim como se apresenta na pós-modernidade. Trilhamos um percurso no qual buscamos, inicialmente, refletir acerca dos elementos definidores da adolescência para nos aproximarmos da ideia de juventude.

Diferente das sociedades pré-modernas, em que a valorização do idoso guardava em si a transmissão necessária para a geração posterior, na modernidade o adulto ocupa o lugar de referência, uma vez que, alicerçadas no individualismo, as sociedades modernas preconizam o sujeito autônomo, livre e racional. Essa condição é, portanto, possibilidade do adulto, já que o jovem da modernidade não teria a maturidade racional, prerrogativa daquele.

É importante lembrarmos que uma das características da juventude é o sentimento de inadequação com relação ao seu tempo e, portanto, a necessidade de modificá-lo. Tal sentimento foi intensificado após as duas grandes guerras e refreado com o advento da cultura consumista. Nessa cultura, encontramos, na promessa do objeto, a possibilidade de prazeres e vivências rápidas e intensas. O consumo é, então, direcionado à juventude, que passa a ser valorizada na pós-modernidade, tornando-se um ideal cultural. Nesse aspecto, a ideia de transitoriedade, presente no conceito de juventude, é contraditória, pois a sociedade convoca todos a permanecerem jovens.

Nesse ponto, cabe uma reflexão. Freitas (2005) apresenta cinco dimensões para a inserção no mundo adulto, a saber: terminar os estudos; viver do próprio trabalho; sair da casa dos pais e estabelecer-se numa moradia pela qual se torna responsável ou corresponsável; casar; ter filhos; parece-nos se referir a aspectos sociais da vida adulta. Acreditamos que a saída da juventude exige um trabalho psíquico de elaboração de perdas e um novo posicionamento frente à vida. Viver de seu próprio trabalho e ter uma casa própria não garante a saída da juventude. Encontramos com jovens de 28 anos que são independentes do ponto de vista existencial e financeiro, mas frente o conflito estagnação versus generatividade se posicionam no campo da estagnação. Podemos dizer de uma prisão nas seduções narcísicas e egoísticas que priorizam o prazer pessoal. Por outro lado, temos pais adolescentes que não ingressam na vida adulta, não se percebem

como responsáveis pelos filhos. E mesmo o casamento pode significar um sonho romântico do encontro com a alma gêmea que se desfaz sem muitas cerimônias. Esses elementos podem ser vividos a partir de um referencial narcísico, egocêntrico, que não contempla o campo alteritário. É possível que a marca psicológica mais definidora da ideia de juventude seja a priorização do eu, a exacerbação dos prazeres narcísicos com um afrouxamento dos vínculos com os outros.

Assim, todos esses elementos estão presentes na vida adulta, são condições necessárias, mas não suficientes, para demarcar o fim da juventude. Precisamos encontrar um elemento subjetivo estrutural e estruturante que delimite a inserção no mundo adulto. Buscaremos na filosofia existencial de Lévinas (1947) a construção de elemento definidor da vida adulta. Para esse autor, a subjetividade se realiza na abertura para o campo da alteridade, se refere à percepção da fragilidade do outro e a necessidade de ir ao seu socorro. A filosofia de Lévinas, denominada filosofia da diferença, irá representar um grande campo crítico à concepção do sujeito como identidade. O autor, em sua crítica cerrada ao pensamento de Husserl, anunciará a arrogância imaginária da consciência que acredita na equação “eu igual a eu”, equação preferencial do jovem. A filosofia da diferença concebe o sujeito como um processo contínuo e atravessado pela lógica alteritária. Do ponto de vista lógico, o eu é anterior ao outro, mas, do ponto de vista “criacional”, o outro é anterior ao eu. Assim, a partir da lógica da alteridade, podemos criticar a noção de sujeito/substância que crê na sua identidade, na autonomia total e na juventude descompromissada com os destinos da humanidade. A subjetivação é um processo contínuo, aberto às afetações alteritárias (internas/externas), e, o mais importante, não existe um ponto de “acabamento”. Os processos de subjetivação revelam a condição humana pendular que oscila entre o campo do eu e do outro; a permanência no campo do eu parece um sonho pós-moderno. Assim, a saída da juventude e o ingresso no mundo adulto se realizam quando o sujeito percebe sua responsabilidade em relação ao outro, podendo esse outro ser representado pelo filho, mas ultrapassa o campo familiar para revelar a responsabilidade ética em relação à humanidade.

## REFERÊNCIAS

Abramo, H. W. (2005). O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In Freitas, M. V. de (Orgs.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação educativa. (e-book). Disponível em: <[http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno\\_Juv.pdf](http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno_Juv.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2010.

- Alberti, S. (2004). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bloss, P. (1985). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Canesin, M. T., Chaves, E. G. & Queiroz, E. M. O. de. (2002). Contribuições conceituais sobre juventude e suas relações com o trabalho e a educação. Inter-Ação. *Revista da Faculdade de Educação da UFG [Goiânia]*, (27), 1-25. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/1508/1495>. Acesso em: 22 abr. 2010.
- Castro, M. G. & Abramovay, M. (2009). *Quebrando mitos: juventude, participação e políticas*. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA.
- Dadoun, R. (1998). *A violência – Ensaio acerca do “homo violens”*. Rio de Janeiro: Difel.
- Dayrell, J. (2002). O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa [São Paulo]*, 28(1). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022002000100009&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100009&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 17 maio 2009.
- Drawin, C. R. (2003). O futuro da psicologia: compromisso ético no pluralismo. In Bock, A. M. B. (Org.). *Psicologia e o compromisso social* (pp. 55-72). São Paulo, Cortez.
- Dumont, L. (1985). *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Erikson, E. H. ([1950]1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed.
- Feliciotti, P. (2005). *Psicoanalisi e adolescenza*. Disponível em: [www.treccani.it/site/Scuola/nellascuola/area\\_scienze\\_umane/archivio/psico\\_filosofia/feliciotti.htm](http://www.treccani.it/site/Scuola/nellascuola/area_scienze_umane/archivio/psico_filosofia/feliciotti.htm). Acesso em: 13 maio 2007.
- Freitas, M. V. de (Org.). (2005). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação educativa (e-book). Disponível em: [http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno\\_Juv.pdf](http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno_Juv.pdf).
- Freud, S. ([1905]1996). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Galland, O. *Sociologia de la jeunesse: la entre dans la vie*. Paris: Armando Colin, 1991.
- Giddens, A. (1997). A vida em uma sociedade pós-tradicional. In Giddens, A, Beck, U. & Lah, S. *Modernização reflexiva* (pp. 73-133). São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista.
- Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In Novaes, R., & Vannuchi, P. (Orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo.
- Koltai, C. (2002). Uma questão tão delicada... *Revista Psicologia Clínica [Rio de Janeiro]*, 14(2), 35-42.
- Kumar, K. (1997). *Da sociedade pós-industrial pós-moderna* (pp. 78-158). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- León, O. D. (2005). Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In Freitas, M. V. de (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação educativa. (e-book). Disponível em: [http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno\\_Juv.pdf](http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno_Juv.pdf). Acesso em: 18 nov. 2010.
- Mascaro, S. A. (2004). *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense.
- Ozella, S. (2002). Adolescência: uma perspectiva crítica. In Contini, M. de L. J., Koller, S. H., & Barros, M. N. dos S. *Adolescência e*

*psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas* (pp. 16-24). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

Renaut, A. (1998). *O indivíduo – reflexões acerca da filosofia do sujeito*. Rio de Janeiro: DIFEL.

Savage, J. (2009). *A criação da Juventude*. Rio de Janeiro: Rocco.

Sposito, M. P. (1997). Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*, (5), 37-52. Disponível em: [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_06\\_MARILIA\\_PONTES\\_SPOSITO.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_06_MARILIA_PONTES_SPOSITO.pdf). Acesso em: 14 maio 2010.

Recebido em: 25-05-2011. Aceito em: 12-05-2011.

**Autores:**

Jacqueline de Oliveira Moreira – Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), Mestre em Filosofia (UFMG), Professora do Doutorado/Mestrado da PUC Minas, Psicanalista. E-mail: <jackdrawin@yahoo.com.br>.

Ângela Buciano do Rosário: Doutoranda em Psicologia (PUC-Minas), Mestre em Psicologia (PUC-Minas), Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, Psicóloga Clínica. E-mail: <angelabr@ig.com.br>.

Alessandro Pereira dos Santos: Mestrando em Psicologia pela PUC-Minas. E-mail: <alessandrosantos\_99744290@yahoo.com.br>.

**Enviar correspondência para:**

Jacqueline de Oliveira Moreira  
Rua Congonhas, 161 – São Pedro  
CEP 30330-100, Belo Horizonte, MG, Brasil  
E-mail: jackdrawin@yahoo.com.br